
IDENTIDADES, TRABALHO E AFETOS: ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE AS CONSTRUÇÕES NO E DO COTIDIANO.

Ana Celi Pavão* (Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, Paraná, Brasil); Regiane Cristina de Souza* (CAPES¹, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, Paraná, Brasil); Eduardo Augusto Tomanik (Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, Paraná, Brasil); Marco Dondi (Dipartimento di Studi Umanistici / Sezione di Scienze Umane, Università Degli Studi di Ferrara, Ferrara, Italia)

contato: anacelipsicologa@hotmail.com

Palavras-chave: Identidades. Trabalho. Afetos.

Esse trabalho é proveniente de duas pesquisas em andamento, cujos direcionamentos teóricos incluem, em especial, os pensamentos de Agnes Heller (1977; 1993; 2017) sobre a dinâmica dos afetos e a vida cotidiana e os estudos de Ciampa (1987; 1999) sobre a Identidade, além de outras fontes que tratam do fenômeno do trabalho sob a perspectiva da Psicologia Social.

Para os autores que estudamos, o cotidiano é tido como o alicerce na constituição das identidades e protagonista nas construções afetivas. Nosso objetivo com esse trabalho é refletir sobre as identidades enquanto processos que são compostos no cotidiano e a partir dele, considerando que atualmente este é concebido como parte do sistema capitalista de produção e permeado por tudo que provem deste sistema. Em especial, investigaremos o trabalho e os afetos, enquanto constituintes das identidades e direcionaremos nossas reflexões sobre a qualidade dos afetos que vão sendo produzidos nessa trama.

1. Os afetos e a cotidianidade

Para Brandão (2012) os afetos não se constituem em um tema recente de estudo; a filosofia, que em muito antecede a modernidade, já se preocupava com isto. O autor descreve que Platão (427 – 347 a. C.) já trazia discussões acerca da afetividade e imaginava a constituição da alma humana a partir de um formato hierarquizado, composto por três faculdades: a razão, a

¹ - Programa Doutorado Sanduíche no Exterior - Edital 19/2016, processo 88881.135442/2016-01.

vontade e os apetites. A ideia essencial de Platão era a de que o homem deve controlar seus desejos, ou seja, a razão deve sobrepor-se aos afetos.

Ainda segundo Brandão (2012), Aristóteles (384 a.C. – 322 a.C.), embora fosse discípulo de Platão, não supunha que a razão deveria sobrepor-se aos afetos e enfatizava os afetos e a razão como aspectos complementares.

Após um salto cronológico na história, da antiguidade para a modernidade, temos outro pensador, o naturalista britânico Charles Darwin (1809 – 1882) que, também direcionado pelas condições históricas do seu tempo (a modernidade e tudo que dela provém, como por exemplo, o desenvolvimento das ciências, em especial as ciências naturais), é expoente de teorias sobre a evolução das espécies e também das emoções humanas e suas possíveis formas de expressão.

Darwin (1872/2009) faz considerações, entre outros temas, acerca das expressões faciais e corporais encarregadas de evidenciar a presença de possíveis emoções associadas a elas. Nesta perspectiva de pensamento, as emoções humanas seriam respostas praticamente inatas, instintivas e, por isto suas formas de expressão tenderiam a ser reconhecidas facilmente, independente da cultura e do período histórico.

Dentro da nossa perspectiva de estudos, não é o que consideramos. Dondi (2001) fez um estudo sobre o desenvolvimento das emoções. O público pesquisado foi crianças recém-nascidas e o autor defende que é a partir do contato com os pais, ou com os adultos responsáveis pela assistência básica às necessidades infantis, que ocorre o desenvolvimento emotivo. O autor sinaliza que os estudos das emoções ocupam um ponto central de interesse para os pesquisadores da psicologia e afirma que os processos emotivos e cognitivos devem ser pensados de modo entrelaçado, ou seja, a cognição desempenha a função de transcender a emoção que, no início da vida, apresenta-se apenas a partir do corpo.

Para D'urso e Trentin (1998) existem cinco componentes presentes nas emoções: o fisiológico (constituído pelo sistema nervoso central e também pelo sistema nervoso autônomo); o motivacional (que envolve o empenho e os interesses individuais), o expressivo-motor (que inclui as diferentes expressões que dão a composição dos possíveis significados das emoções), as avaliações cognitivas (conhecimentos e pensamentos são parte integrante das emoções e causa

direta das experiências emotivas) e o componente subjetivo-cultural (que envolve os elementos linguísticos, os usos, costumes e crenças dos grupos sociais, que são assumidos e utilizados pelos sujeitos).

No intuito de diferenciar os conceitos e explicar os fenômenos dos sentimentos, afetos e emoções, Heller (1993) apresenta um caminho que não é pautado em uma definição pontual, acabada e definitiva. A autora propõe os sentimentos como o conjunto mais amplo, que engloba os demais fenômenos e estabelece, inicialmente, uma diferenciação entre sentimentos simples e complexos. Os sentimentos simples têm sua origem a partir do corpo biológico. Em contrapartida, as emoções (ou sentimentos complexos) são construídas a partir dos significados sociais, porém emparelhadas com os sentimentos simples ou sentimentos impulsivos – este último é a nomenclatura estabelecida pela autora ao explicar o que inicialmente denomina sentimentos simples.

A partir de D'urso e Trentin (1998) e Heller (1993) entendemos que os sentimentos complexos ou emoções propriamente ditas são assim categorizados e denominados quando associados a um evento no qual os aspectos cognoscitivos-situacionais, ou seja, interpretados a partir das situações vividas, estão presentes.

De acordo com as perspectivas darwinianas e hellerianas, o organismo biológico faz parte da produção das emoções. Porém Heller (1993) discorda de Darwin (1872/2009) quando este último atribui essencialmente ao corpo a função de produzir e evidenciar as emoções. A autora afirma que as emoções são constituídas a partir dos elementos corporais, mas assumem significado para além do corpo, ou seja, no contato social, no dia-a-dia, denominado de cotidianidade.

Já os afetos não são considerados equivalentes aos sentimentos impulsivos e aos sentimentos complexos. Heller (1993) expõe que os afetos resultam da demolição dos instintos, isto não quer dizer que os instintos ou sentimentos impulsivos deixaram de existir, apenas deixaram de ser a fonte geradora única dos processos afetivos.

Um exemplo típico: sentimos fome (que é originalmente um sentimento impulsivo), porém muito cedo aprendemos a agregar este impulso ao desejo de comer algo que é associado ao que culturalmente aprendemos a apreciar. Este é um exemplo que nos mostra a evolução de um sentimento impulsivo para uma construção cultural cotidiana.

A tríade sentimentos-afetos-emoções tem constituições e funções distintas, mas jamais apartadas. As emoções modificam e dão sentido aos sentimentos impulsivos e os afetos assumem a função da homeostase social. As construções afetivas só são possíveis graças ao cotidiano.

A cotidianidade é a ideia central do pensamento de Heller (1977). A autora aponta que o cotidiano são diversas e possíveis expressões da humanidade, cada qual a seu tempo.

O cotidiano é o nosso dia-a-dia e tudo que dele é derivado. São as formas de viver desenvolvidas pelas pessoas em suas respectivas culturas. Podemos pensar em exemplos simples e corriqueiros: o trabalhar e principalmente a maneira de fazê-lo, o ato de ir para a escola e como apreender os conteúdos explicados pelos professores; as relações interpessoais que são estabelecidas entre alunos e professores ou pais e filhos, dentre outros. A nossa relação com o cotidiano é dialética, ou seja, na mesma medida em que ele nos forma enquanto seres humanos em ação, é a partir da nossa ação contínua que este também é formado.

2. Identidade e Trabalho

Ao estudar a categoria Identidade, busca-se compreender essa representação humana que cada um de nós vai construindo ao interagir no e com o espaço coletivo que nos rodeia, talvez no intuito de descobrir que ser humano, de fato, se abriga por detrás dessa representação. Essa dinâmica não pode estar fora da ação do sujeito, uma vez que o homem se transforma a partir da realização de sua atividade.

Nesse caminho, o trabalho apresenta-se como atividade essencial do homem, em que ele age sobre a natureza, de maneira que esta vai sendo modificada para atender as suas necessidades materiais, ao mesmo tempo em que também vão sendo modificadas nele suas funções cognitivas e psíquicas, desenvolvendo capacidades e habilidades antes ocultas (Marx, 1867/2003).

Para Bendassolli (2007), os formatos do sentido e valor do trabalho foram redefinidos a partir da presença da sociedade industrial, em que o trabalho era representado como matéria-prima para a modelagem do caráter humano e como atividade construtora do ser e de sua identidade, além de exercer a função de articular a cooperação e solidariedade entre as pessoas.

Em Marx, o autor afirma ser o trabalho a instância pela qual o homem se tornava sujeito concreto, constituinte da sociedade e dela constituído, desenhando uma identidade sólida, a do “eu trabalhador” (p. 226). Isso não significa, todavia, que o sujeito permanecia intacto e idêntico no decorrer de sua experiência de vida, mas que ele tinha clareza de suas progressões e também a possibilidade de construir “[...] uma narrativa temporal na qual [...] acumulava *experiência* e defendia um *lugar seu*” (Bendassolli, 2007, p. 19, grifos do autor).

Ainda existem, no entanto, estudos que apontam para a identidade, e sua relação com o trabalho, como um fenômeno estanque, construído em linha reta, que emoldura um sujeito único e estável. Ciampa (1987; 1999), porém, rompe com essa ideia ao pensar a identidade como metamorfose e emancipação, ou seja, um percurso humano de constante identificação, em que somos várias identidades, que ao superar a reposição de uma identidade pressuposta, nos direciona à condição de autonomia.

Nessa mesma linha de raciocínio, Moscheta (2012), ao aproximar psicologia e arte, destaca que representamos personagens a todo momento e estes não se diferenciam do autor/ ator como se retratassem cenas e usassem máscaras que, após o espetáculo, revelariam um ser autêntico, mas “[...] o sujeito coincide, e não antecede a performance de sua personagem. E é apenas esta performance que ele/ela terá para chamar de eu” (p. 13).

Podemos dizer, então, que essa performance a que o autor se refere diz respeito ao fazer humano, à sua atividade no meio em que vive, ao trabalho que desempenha, e o palco em que tudo isso se realiza é a cotidianidade. Mais ainda, como afirma Ciampa (1987, p. 137), “[...] o fazer é sempre atividade no mundo, em relação com outros”, sustentando a noção de que nós nos fazemos no movimento de nossas ações cotidianas, que só recebem significado e sentido pelos afetos que vão emergindo na interação com o outro, ao passo que vamos construindo nossas identidades na mesma medida em que contribuimos para a composição das identidades alheias.

Afirmar que nossas identidades são processos em constante transformação, e que somos atores, portanto, ativos nesse intento, não significa descartar a intervenção da história e do cenário sociocultural, em parte já desenhados. Pelo contrário: o entendimento das identidades só é possível ao vincular a vida humana às condições históricas, socioculturais e materiais, que permeiam o cotidiano, como declara Ciampa (1999, p. 72), “[...] é do contexto histórico e social em que o homem vive que decorrem suas determinações e, conseqüentemente, emergem as

possibilidades ou impossibilidades, os modos e as alternativas de identidade”. E a estrutura de vida construída pela humanidade, talvez até os dias atuais, determinam que essas condições são estabelecidas especialmente pelas relações do homem no e com o trabalho.

Sendo assim, o trabalho, nos dias de hoje, ainda pode ser considerado elemento fundamental na constituição das identidades, uma vez que, por meio da atividade profissional, o sujeito ocupa papéis que conferem a ele um lugar na sociedade, possibilitando desempenhar suas performances e, com isso, reconhecer o outro e a si mesmo, e transformar-se.

Para Enriquez (1999), a perda do trabalho implica na perda da identidade, uma vez que o trabalho “[...] coloca as pessoas na realidade, faz com que elas entrem na realidade. Quando se trabalha sabemos qual é a realidade da organização e isso permite, também, que se instaure a temporalidade, coisa que é totalmente fundamental [...]” (p. 67). Além disso, o autor destaca que é na relação de trabalho que aprendemos o valor do outro e a sermos solidários:

[...] na empresa, nós estamos lidando com colegas e deveríamos aprender a ter solidariedade com eles, isto é, não nos considerarmos como seres únicos, mas vivendo uns com os outros. Toda essa inserção vai permitir a cada um sentir-se útil no seu trabalho, na sociedade, além de buscar algum sentido para a própria vida. Pois a partir do momento em que existir um sentido para a vida, este não se limitará somente ao fato de termos um papel na empresa, mas ao fato de estarmos inseridos num sistema social mais completo, podendo ter investimentos políticos e nos sentir verdadeiramente cidadãos (p. 67).

No entanto, o panorama que tem se apresentado na sociedade do capitalismo atual, parece nos afastar dessa dinâmica. Bauman (1999; 2001) apresenta-nos um mundo líquido, em que a total liberdade do capital resulta em relações socioeconômicas que tem produzido um cenário imprevisível, indeterminado e sem controle. O que sustenta esse novo mercado, é a ideia de que nele todas as escolhas tornam-se possíveis, portanto, ele é organizado com vistas na atividade de consumo, representada por consumidores constantemente insatisfeitos, em que identidades fissíparas (Bauman, 1998; 2005), isto é, fragmentadas e voláteis, estão sendo fabricadas.

Moscheta (2012) denuncia a ideia de identidade como produto e, como tal, traduz algo que já está pronto, acabado, facilmente adquirido e igualmente descartado. Nesse enredo, não há tempo e lugar para o cultivo de valores sólidos, tanto individuais quanto coletivos, e nem laços afetivos duradouros; o sujeito vive episódios, que são efêmeros e passam rapidamente pela história, sem dela fazer parte. Como reflete o autor, valoriza-se muito mais o produto final e despreza-se o processo de construção e criação, e quando possível, passa-se direto ao produto. É, portanto, um modo de vida pautado no consumo e no ideário de flexibilidade.

A lógica do mercado consumidor é a produção constante de novos desejos e necessidades, gerando, assim, novos consumidores, que acabam se tornando mercadorias (Bauman, 2001). Também o trabalho sofre intensas mudanças: não só na estrutura interna dos seus processos, que passa a atender a um mercado cada vez mais imprevisível e minucioso, mas em sua própria essência, deixando de ser uma das principais vias de acesso à organização da vida e da rotina individual e social, além de exercer a função de construtor de identidades e coordenador da solidariedade entre as pessoas, para assumir o formato de carreira em que, segundo Bendassolli (2009, p. 112), “[...] o indivíduo passa a ‘consumir’ empregos em busca daquele que mais lhe satisfaça (trocando de emprego como se troca de um produto consumido)”.

O que não podemos ignorar é que esse modelo de carreira e sua autogestão parecem ser uma possibilidade restrita a um pequeno grupo de trabalhadores ainda considerados capazes de se manter no mercado e cuja decisão por abraçar novas posições ou projetos repercute como caminho para a autonomia; diferente daqueles que não conseguem sequer firmar-se em um emprego, por falta de oportunidades ou pela evidência de suas inabilidades para o mercado de trabalho atual, responsabilizando a si mesmos por não serem bons o suficiente (Pavão, 2015).

Dessa maneira, as experiências vivenciadas no dia a dia do trabalho e as relações que vão sendo nelas tecidas, hoje tão modificadas pelo novo formato de produção e gestão do trabalho marcado pelo ideário capitalista, bem como os afetos que nesse arranjo vão sendo produzidos, interferem na construção e transformação das identidades, a nosso ver, distantes do projeto de metamorfose e emancipação.

Esse trabalho trata das reflexões derivadas de leituras de textos, além de artigos acadêmicos, dissertações e teses, no idioma português e italiano, que versam sobre os conceitos de identidade, trabalho e afetos, sobretudo das relações construídas entre eles no (e do) cotidiano.

Portanto, refere-se a uma pesquisa bibliográfica (Gil, 2002), cujo intuito é conceituar, discutir e aprimorar ideias acerca dos conteúdos estudados. Nessa direção, o trajeto metodológico que tomamos, ao menos de início, é de nível teórico que, para González Rey (2010) se traduz em um processo de elaboração e criação de (novos) conhecimentos, o que não significa aqui mera especulação, mas conduz à legitimação do singular como fonte de conhecimento e que tem como núcleo a figura do pesquisador. Portanto, “o teórico expressa-se em um caminho que tem, em seu centro, a atividade pensante e construtiva do pesquisador” (p. 11), tornando-o ativo e dinâmico nesse processo.

3. Um pouco sobre o cotidiano, a identidade, o trabalho e muito dos afetos.

Como elementos de discussão, entendemos que os afetos, longe de serem reduzidos a uma perspectiva biológica, são fenômenos complexos, multifacetados e relacionais, cujo palco para sua construção é a cotidianidade. Também a identidade deve ser compreendida em sua complexidade e constante movimento, uma vez que vamos nos formando a partir de nossas ações no mundo, sublinhadas pelas relações com o outro, e isso tudo atravessado pelos afetos que vão conferindo sentido a essa experiência.

Além disso, consideramos que o cotidiano, além de representar a realidade doméstica, do dia a dia, refere-se também ao conteúdo macro que abarca todo contexto histórico e sociocultural ao qual todos nós estamos inseridos. Nessa direção, a atual sociedade capitalista nos aponta para estilos de vida voltados ao consumismo, individualismo e flexibilidade como valor a ser seguido. Com isso, de acordo com Rolnik (1997, p. 01), “identidades locais fixas desaparecem para dar lugar a identidades globalizadas flexíveis que mudam ao sabor dos movimentos do mercado e com igual velocidade”.

É impossível, em um quadro como esse, as pessoas se sentirem totalmente confortáveis. Daí advém a alienação, conceito introduzido por Marx e apontado por Moscheta (2012) como recurso necessário à manutenção da lógica do consumo no capitalismo vigente, pois “ela constrói um modo específico de nos relacionarmos no qual o produto da relação conta mais que o processo de construção e transformação dos laços” (p. 17).

É preciso, então, atentar à qualidade dos afetos que vão se construindo e também se revelando no decorrer das vivências cotidianas, e questionar práticas que possam favorecer a produção de identidades que sejam meros produtos, alienadas ao processo, ao outro, e a nós mesmos.

Retomando nossas reflexões iniciais de que as construções afetivas só são possíveis graças ao cotidiano e tudo que dele provém, podemos afirmar que o trabalho, enquanto fazer cotidiano, é também fonte de estados afetivos diversos, por vezes intensos e até contraditórios, o que certamente, interfere na composição e transformação das identidades. Com isso, nos perguntamos: qual a qualidade dos afetos que tem sido construídos nesse cotidiano marcado pela supervalorização do consumo e pela crença em um mundo flexível?

Não pretendemos pontuar ou mesmo nomear quantitativamente os possíveis afetos provenientes do cotidiano atual e mercantilista, no qual todos nós estamos submetidos. Pensamos que talvez sejam tantos que listá-los nem seria possível. No entanto, ainda assim, é possível e necessário pensar sobre eles. Ao nosso ver, não apartados da história e do cotidiano, os afetos assumem as características do seu tempo, e como nos aponta Bauman (1999; 2001), flexibilidade, insegurança e incerteza são alguns dos adjetivos que compõem o cenário atual, são tópicos presentes nas construções das identidades e dos afetos.

A qualidade dos afetos é construída a partir da realidade cotidiana, que é também formadora dos acontecimentos econômicos, políticos e sociais e marcada pela fragilidade dos vínculos provenientes das relações estabelecidas, sejam elas com o trabalho, colegas, família e consigo mesmo.

4- À guisa de conclusões...

As reflexões até aqui realizadas deverão ser ampliadas, em função das próprias pesquisas em desenvolvimento e como respostas a necessidades que nosso modo de viver e co-existir vem nos impondo.

Por ora, evidenciamos que as identidades e (a qualidade dos) afetos que atravessam sua construção e transformação e, portanto, o entendimento desses fenômenos, apresentam uma dimensão objetiva e concreta, isto é, a cotidianidade, alicerçada na materialidade da vida



06 a 08
de junho de 2018

Teatro Calil Haddad / Campus UEM
Maringá - PR

PSICOLOGIA, POLÍTICAS PÚBLICAS
E DESAFIOS EM TEMPOS SOMBRIOS

ISSN 1679-558X

humana: suas condições históricas e socioculturais arquitetadas pelo trabalho e tudo que dele decorre, hoje modificado em sua configuração e, arriscamos dizer, em sua essência.

Referências

- Bauman, Z. (1998). *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Bauman, Z. (1999). *Globalização: as consequências humanas* (tradução Marcus Penchel). Rio de Janeiro: Zahar.
- Bauman, Z. (2001). *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Bauman, Z. (2005). *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi/ Zygmunt Bauman*; tradução, Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Bendassolli, P. F. (2007). *Trabalho e identidade em tempos sombrios: insegurança ontológica na experiência atual com o trabalho*. Aparecida, SP: Idéias & Letras.
- Bendassolli, P. F. (2009). *Psicologia e trabalho: apropriações e significados*. (Coleção debates em administração). São Paulo: Cengage Learning.
- Brandão, I. R. (2012). *Afetividade e transformação social: sentido e potência dos afetos na construção do processo emancipatório*. Sobral: Edições Universitárias.
- Ciampa, A. C. (1987). *A estória do Severino e a história da Severina: um ensaio de psicologia social*. São Paulo: Editora brasiliense.
- Ciampa, A. C. (1999). Identidade. Em: Lane, S. T. M. & Codo, W. (Orgs.). *Psicologia social: o homem em movimento* (p. 58-75). São Paulo: Editora brasiliense.
- Darwin, C. (1872/2009). *A expressão das emoções no homem e nos animais*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Dondi, M. (2001). *Sviluppo emotivo tra scienze cognitive e psicobiologia*. *Giornale Italiano di Psicologia*, 28, 253-282. Doi 10.1421/244; ISBN 0390-5349.
- D'Urso, V., Trentin, R. (1998). *Introduzione alla psicologia delle emozioni*. Roma: Editori Laterza.
- Enriquez, E. (1999). *Perda do trabalho, perda da identidade*. *Cad. Esc. Legisl*, Belo Horizonte, 5(9); 53-73, jul./dez.
- Gil, A. C. (2002) *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4ª ed. São Paulo: Atlas.
- González Rey, F. L. (2010). *Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação*. São Paulo: Cengage Learning.
- Heller, A. (1977). *Sociología de la vida cotidiana*. Barcelona: Ediciones Península.
- Heller, A. (1993). *Teoría de los sentimientos*. Ciudad de México: Coyoacán.
- Heller, A. (2017). *La memoria autobiográfica*. Lit Edizione: Roma.
- Marx, K. (1867/2003). *O capital*. Livro 1, Vol. 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.



06 a 08
de junho de 2018

Teatro Calil Haddad / Campus UEM
Maringá - PR

PSICOLOGIA, POLÍTICAS PÚBLICAS
E DESAFIOS EM TEMPOS SOMBRIOS

ISSN 1679-558X

Moscheta, M. S. (2012). *Performance e identidade: apontamentos para uma apreciação estético-relacional do desenvolvimento*. Nova Perspectiva Sistêmica, Rio de Janeiro, n. 44, p. 9-20, dez. Recuperado em 20 de outubro de 2017, de HYPERLINK <http://eastsideinstitute.org/wp-content/uploads/2014/04/Performance-e-identidade-NPS.pdf>

Pavão, A. C. (2015). *Muito além da ação: um estudo sobre emoções no mundo do trabalho*. Dissertação de Mestrado Não-Publicada, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, Paraná.

Rolnik, S. (1997). Toxicômanos de identidade: subjetividade em tempo de globalização. In: Lins, D. (Org.). *Cultura e subjetividade. Saberes nômades* (p.19-24). Campinas: Papirus.